

MASCULINIDADE, CORPO E VELHICE NA REGIÃO PAMPEANA DO RIO GRANDE DO SUL

DA SILVA, Liza Bilhalva Martins¹; RIETH, Flávia Maria Silva²

¹UFPel, Bacharelado em Antropologia Social e Cultural. *lizabms@gmail.com*; ²UFPel, Departamento de Antropologia e Arqueologia, *riethf@uol.com.br*.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa etnográfica teve como objetivo apontar os primeiros passos de uma investigação sobre o homem gaúcho ex-trabalhador do campo da região pampeana do Rio Grande do Sul. Esta demanda vem como uma via ou desdobramento de uma pesquisa mais ampla – Inventário Nacional de Referências Culturais – Bagé (1ª fase) - a qual visa a documentação, a produção de conhecimento e o reconhecimento da pecuária, enquanto referência na estruturação da “cultura gaúcha” na região do pampa. O interesse primordial que orientou essa pesquisa objetivou-se na busca de apreender e compreender como homens que se socializaram e se constituíram enquanto sujeitos masculinos na lida de campo nas fazendas da região pampeana (re)significam o “ser masculino” quando afastados destas lidas pela perda das aptidões físicas advindas da velhice.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente trabalho abarcou revisão bibliográfica em textos antropológicos, literatura regional e historiografia, entrevistas gravadas com 3 interlocutores trabalhadores e ex-trabalhadores do campo da cidade de Arroio Grande localizada no interior do Rio Grande do Sul, anotação em diário de campo e registro fotográfico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das entrevistas realizadas foi possível vislumbrar, corroborando com textos e literatura do Rio Grande do Sul, que a lida campeira exercida nas fazendas da região pampeana constitui o lugar de construção da masculinidade entre os homens que se dedicam a esses trabalhos. Segundo Leal (1992) a dominação que o gaúcho permanentemente tem de exercer sobre a natureza no contexto da pecuária faz com que este se constitua enquanto “homem gaúcho”, ou seja, a construção dessa identidade está extremamente marcada com a dominação dos elementos naturais, tais como o gado e tudo mais que envolve a lida campeira e o viver no campo. Desta forma, por serem as noções de masculino e feminino categorias socialmente construídas, está a primeira - na cultura gaúcha - diretamente relacionada à dominação do homem sobre a natureza: “na cultura gaúcha, a

masculinidade tem que ser constantemente adquirida e provada entre o grupo masculino de iguais”. (LEAL,1992)

Nessa perspectiva, o corpo do gaúcho enquanto instrumento fundamental para o desempenho das atividades no campo pode ser pensado como algo fundante desta masculinidade, pois é através dele que se processam todas as habilidades aprendidas e transmitidas constituidoras destes sujeitos.

Todavia, o corpo do indivíduo se transforma ao longo do tempo uma vez que ao longo de sua trajetória possui várias idades, etapas que estão conformadas de acordo com a interpretação da cultura em que está inserido e que, por sua vez, dão sentido às experiências nas suas trajetórias de vida.

Diante disso, na presente pesquisa foram entrevistados 3 homens do campo, sendo que dois deles estão totalmente afastados das atividades campeiras exercidas durante toda as suas trajetórias de vida. É nestas duas entrevistas que situo minha análise.

Seu Zé¹ peão aposentado, hoje com 78 anos e com a saúde fragilizada (gota, pressão alta e diabetes) viúvo e pai de três filhos, residindo em uma pequena e simples casa na área urbana de Arroio Grande, nos contou sobre as saudades e amarguras do campo, sobre as inúmeras atividades que desempenhou nas fazendas da região, sobre sua paixão em dançar, sobre os bailes, família, patrões, capatazes, bordeis e terceira idade. Seu Zé apesar das doenças que lhe incapacitam e da nostalgia do tempo que podia montar a cavalo e trabalhar, nos mostrou que, em que pese a “máquina” não funcionar mais para o trabalho, ele encontrou na dança e nas atividades de diretoria de grupos da terceira idade uma ocupação, vejamos:

“[...] depois não pude trabalhar mais, operei, o doutor me tirou o cavalo, me tirou todo o serviço, não posso fazer mais nada. A máquina não dá mais, a pressão é muito alta, mas vou levando. A lida no campo era boa e ruim. Marcação é coisa boa. Participava, gostava de tirar laço, hoje não sei se prestaria para alguma coisa, nem caminhar ligeiro não posso. Tenho saudade. De não fazer as coisas fico doente, andar a cavalo, domar [...]”

“[...] sou doente por baile até hoje. Na terceira idade formemo a terceira idade, tivemos um grupo. Vou ao CTG mas não danço mais agora, ia pra fora CTG de Herval, Jaguarão, Pelotas, Porto Alegre, viajava bastante, depois fui deixando, não posso mais calçar mais [...]” (Seu Zé)

Seu Pedro hoje com 85 anos foi um pequeno produtor de ovelhas como seu pai e avô. Com seu trabalho criou os filhos e manteve sua família. Atualmente está aposentado e sua atividade concentra-se em colecionar artefatos que retratam a cultura gaúcha em um pequeno museu campeiro em seu quarto em uma casa confortável na área urbana da cidade. Seu Pedro enfatizou a saudades daquele tempo, sem poupar de dizer sobre as dificuldades que existiam. Emocionou-se o todo tempo, principalmente quando falou sobre a doença de sua esposa, a qual lhe remete ao sentimento de solidão. Enfatizou que a ideia de criar um museu se deu em razão da necessidade de uma ocupação, vejamos:

[...] o trabalho vai ser o alimento, assim pra moral, pra prolongar um pouquinho mais a vida. Se tu para...lh...

1 Utilizo nomes fictícios para os interlocutores da pesquisa como forma de resguardá-los.

Trabalho que eu digo ó, é uma ocupação, né? Porque, que trabalho vai ser? Então eu fiz isso aí, fui montando, montando, montando (ACERVO CAMPEIRO). Agora já tá pequeno. Sobre só sobre o campeiro, sobre a parte campeira. Porque eu me criei no campo. Meu pai era campeiro, meu avô era do campo. A descendência toda era campeira. Então a gente guarda aquilo [...]
[...]Quando a gente chega a essa idade, eu tenho 85 anos, aquilo começa vi à cabeça da gente, né, e a gente até se sente assim, feliz, tá pensando no passado, né [...]" (Seu Pedro)

Assim, neste contexto de perda do alicerce da construção da masculinidade e do estigma no qual a velhice não escapa é que a pesquisa deslizou, na perspectiva de localizar no universo simbólico da “cultura gaúcha pampeana” as atividades atualmente praticadas pelos seus interlocutores.

4. CONCLUSÕES

“A condição humana é corporal, o homem é indiscernível do corpo que lhe dá a espessura e a sensibilidade de seu ser no mundo” (Le Breton, 2011:11)

No contexto da cultura gaúcha pampeana foi possível evidenciar que “estar velho” significa não ter mais condições físicas para a lida do campo, quando o **corpo masculino forte e viril** usado como instrumento de dominação, perde sua força e, portanto, a utilidade para o trabalho. Segundo Leal (1992) esta percepção de estar velho e, portanto, próximo da morte, se dá quando o gaúcho não é mais capaz de segurar um boi com laço, quando perde a disputa corpo à corpo que trava diariamente com o animal.

Do trabalho etnográfico foi possível apreender que a falta de aptidão física advinda da velhice acarreta não só o abandono da vida campeira como também exige uma certa mobilidade do campo para a cidade, fazendo com que esses homens se desloquem e transitem em outros contextos.

Desta forma, e em contraponto com pesquisa realizada à mais de duas décadas no contexto pecuarista pampeano (Leal, 1992), a qual enfatizou o suicídio (crise da masculinidade) entre homens gaúchos do campo como demarcador desta fase chamada “velhice”, esta pesquisa nos trouxe elementos para pensar uma (re)-significação da masculinidade por parte desses sujeitos alicerçada em novas perspectivas para esta nova etapa da vida.

Ancorados nas novas perspectivas, os homens entrevistados **não comungam**, de que este é o momento de “laçar a si próprio”, “enforçar-se”, ainda que se perceba um lento trabalho de luto, que consiste em despojar-se daquilo que foi suas vidas, “desinvestir as ações outrora apreciadas, e em admitir pouco a pouco como legítimo o fato de possuir apenas um controle restrito sobre sua existência”.(Le Breton, 2011).

Neste fio condutor entre vida e morte, e como forma de não escaparem do campo simbólico que dá sentido e valor às ações sociais, os sujeitos da pesquisa

demonstram que estão à procura de algo que dê sentido a esta nova fase da vida (re)-significando suas masculinidades através do que lhes sobrou, seja na dança de baile e CTG ou seja na coleção de artefatos campeiros², como possíveis formas de (re)ativar um passado e viver um presente alicerçado neste “ser homem gaúcho”

Para finalizar, segundo Leal (1992) dominação, virilidade, força, humor, relações jocosas e contar piadas são elementos constituidores da identidade deste “ser gaúcho pampeano”. Assim, embora entre os interlocutores da pesquisa **dominação, virilidade e saúde perfeita** não estejam mais presentes em seus corpos e em seus cotidianos, **o humor, o riso, as relações jocosas e o contar piadas** ainda se fazem presentes em suas almas.

2 Atividades praticadas atualmente pelos interlocutores da pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Lins de Barros, Myriam Moraes. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1998.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987

JARDIM, Denise. O corpo masculino: Baixo Corporal e Masculinidades. In: *Antropologia do Corpo e da Saúde I. Cadernos de Antropologia*. N5. 1992. pp.723-32.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, outubro de 1998.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ:Vozes,2011.

LEAL, Ondina. Honra, morte e masculinidades na cultura gaúcha. In: *Antropologia do Corpo e da Saúde I. Cadernos de Antropologia*. N5. 1992. pp.7-22

_____. O Mito da Salamandra do Jarau: constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha. *Revista Psiquiatria* 14(1): 8-11.jan-abr. 1992

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

REVISORES

CLAUDIA TURRA MAGNI

Professora doutora (UFPEl) clauturra@yahoo.com.br

MARÍLIA FLOÔR KOSBY

Mestre em Ciências Sociais (UFPEl) marilia_kosby@yahoo.com.br